



Feminismos e Comunicação em Tempos de Corpos Virtuais¹

Aline da Silva Schons²

Resumo: Este artigo reflete sobre as relações entre feminismos e comunicação em tempos em que máquina intervém diretamente nas relações sociais e na forma como a comunicação se dá – a sociedade está se virtualizando. Para tanto, desenvolveu-se uma discussão a partir das ideias de autores e autoras que pesquisam sobre feminismo, cibercultura, comunicação e sociedade contemporânea para tentar entender se um ciberfeminismo é possível. O fim do senso de comunidade, a necessidade de transgressão e a relação entre velocidade, neoliberalismo e comunicação são pontos que são levados em conta nessa discussão. A apropriação do ciberespaço pelo movimento feminista é quase inevitável, por isso, o questionamento e o senso crítico são fundamentais, mas não suficientes se não houver alteração na própria lógica neoliberal. Só assim será possível contestar Lorde (1993), ou seja, construir mudanças com as ferramentas de que já dispomos, tornando o ciberfeminismo possível.

Palavras-chave: Comunicação. Feminismo. Ciberfeminismo. Cibercultura.

¹ Artigo enviado na modalidade Cibercultura e Apropriações

² Graduada em Administração e Jornalismo; mestranda em Comunicação pela Universidade da Universidade de Brasília – UnB; bolsista do CNPq. E-mail: alineschons31@gmail.com

INTRODUÇÃO

Se em tempos modernos, Chaplin passa por um colapso nervoso e é ‘engolido’ pela máquina, o que aconteceria com ele nos tempos pós-modernos de hoje? A velocidade deixou de ser uma imposição fabril. As pessoas são ‘engolidas’ por elas mesmas. O colapso é geral, mas aparentemente controlado com o uso de pílulas mágicas e outras fugas.

Entre vantagens e desvantagens, parece não haver mais a possibilidade de parar essas engrenagens. Será? Foi pensando mais especificamente na atuação do movimento feminista na internet, em tudo o que envolve o período pós-industrialização e em todas as consequências para a comunicação e no momento conturbado do nosso país que este artigo foi desenvolvido.

Para tanto, partiu-se de um incômodo gerado por uma ideia expressa por Virilio (2000) sobre o ciberfeminismo para iniciar o debate. Após questionar sobre a viabilidade de um ciberfeminismo, desenvolveu-se uma conversa com diferentes autores e autoras sobre o fim do senso de comunidade – do ‘nós’ –, a necessidade de transgressão e a relação entre velocidade, neoliberalismo e comunicação. A proposta é justamente articular ideias distintas para reflexão, onde certamente haverão mais perguntas do que respostas.

FEMINISMOS E CIBERCULTURA: UM CIBERFEMINISMO É POSSÍVEL?

Em *A Velocidade da Libertação*, Virilio (2000), ao refletir sobre o surgimento de um novo ‘corpo virtual’, cita trechos de um manifesto desenvolvido por um coletivo de mulheres tratando da relação entre ciberfeminismo e o corpo:

O CIBERFEMINIMO participa no desenvolvimento de uma consciência feminista e sublinha a importância dos multimédia na percepção do corpo. [...] As tecnologias de comunicação e as biotecnologias *são importantes utensílios que permitem uma reinvenção do nosso corpo* [...] a emergência da cultura pós industrial vai levar a uma profunda modificação das sociedades humanas. *De igual modo, a arquitetura sensorial e orgânica do corpo humano, as identidades sexuais e culturais, e até nossos modos de pensamento e o lugar de cada um serão modificados.* [...] O que será das relações de sexualidade, dos modos sexuais de comunicação do corpo, do desejo e da diferença dos sexos na era da metáfora codificada? O

controle da interpretação das fronteiras do corpo é uma verdadeira questão feminista. [...] É urgente que as mulheres participem na construção do ciberespaço, desenvolvendo um CIBERIMAGINÁRIO que possa tornar-se o utensílio da sua própria construção. Se é verdade que o multimídia pode ser um temível meio de controle e de sujeição, só de nós, mulheres depende fazer dele um instrumento de emancipação (SOCIALIST REVIEW, 1994, apud VIRILIO, 2000, p. 153-154, grifo do autor).

O autor não dá muitos detalhes nem aprofunda o tema e, infelizmente, a versão original não foi localizada; de todo o modo, o comentário que ele faz logo após as citações reproduzidas acima parece refletir também seus próprios preconceitos. Diz Virilio (2000, p. 154): “Muito mais do que um manifesto do militantismo feminista, este texto ecoa já como um grito de alarme diante da ameaça de uma substituição maquínica que suplantaria os atractivos carnis da feminilidade”. A quem de fato seria essa ameaça?

Conforme explicado por Virilio (2000), essas mulheres, as ciberfeministas, defendem a relação com a máquina como forma de libertação, elas enxergam o ciberespaço como um caminho para sua emancipação, o que passaria pela redefinição das fronteiras do corpo. O corpo feminino enquanto construção histórica é também encarcerador – a alta velocidade impulsionada pelas novas tecnologias poderia ser o caminho para uma libertação. Virilio (2000) estaria também demonstrando uma preocupação com a perda de seus próprios privilégios?

Feministas como Donna Haraway veem as novas tecnologias como possíveis aliadas. Já em 1985 ela publicava o Manifesto Ciborgue, é possível que seja esse mesmo o manifesto ao qual Virilio (2000) se refere. O ciborgue (híbrido de humano e máquina), considerado o “primeiro sinal do pós-humano” por Rüdiger (2008), acabou, em razão da obra de Haraway, figurando como símbolo da emancipação feminina (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009; VIRILIO, 1996). “As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo” (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009, p. 64). Tais mudanças poderiam contribuir para a desconstrução ou reinvenção de tudo que tornou o feminino o outro, ou, como difundido por Beauvoir (2009), o segundo sexo – “se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos

nós podemos ser reconstruídos” (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009, p. 25). A sociedade em rede teria, assim, a oportunidade de ultrapassar a fronteira do gênero e de todo um rol de dualismos por meio do híbrido ciborgue, ironicamente também dual.

Haraway (2009) nunca minimizou o lado dúbio dos efeitos das novas tecnologias para as mulheres e sociedade em geral, assim como a complexidade desse processo e dessa nova forma de poder, que tem a ver com a transformação de um sistema produtivo como um todo (HAN, 2015). Sodré (2014, p. 254) provoca: “Haveria uma realidade sem corpo?”. Poderíamos questionar também: Haveria distinção de gênero se pudéssemos apagar toda a historicidade por trás desse conceito? Um ciborgue possui gênero? Quantos? Como justificar a profusão de identidades de gênero justamente em um momento em que alteridade está tão desvalorizada? Estamos ainda em um processo de transformações e redefinições.

ACELERAÇÃO: RUMO AO FIM DO ‘NÓS’?

As novas tecnologias aliadas aos meios de comunicação aceleraram a sociedade. Vivemos em um contínuo *fast forward*; tal como no filme *Click*, avançamos a vida com um controle remoto que não tem mais a tecla *stop*. As memórias resgatadas através de suas imagens de arquivo já não possuem mais sentido, pois é como se estivéssemos ausentes no filme de nossa autobiografia. Vivemos no piloto automático de uma visão sem olhar. O tempo tornou-se apenas aditivo, deixando pedacinhos da essência da vida e do que constitui o ser humano pelo caminho. As pessoas apenas sobrevivem (HAN, 2014a; HAN, 2014b; VIRILIO, 1996).

As oscilações dão lugar à linearidade, ao conformismo. Os acontecimentos se familiarizam e tornam-se triviais, por mais chocantes que sejam, o que também reflete no jornalismo (HAN, 2015; VIRILIO, 1996).

A positivação, a operacionalização da vida, essa eliminação de alteridades que anda junto com a adesão aos preceitos neoliberais de exploração total, mais uma vez vai contra as mulheres e as diferenças que o próprio conceito mulheres compreende. “A transparência forçada estabiliza muito eficazmente o sistema dado.

[...] Confirma e otimiza somente o que já existe”, afirma Han (2014b, p. 19) ao refletir sobre o sistema político. O espaço da ação coletiva se perde.

Talvez não seja sem razão que parte das feministas sejam contra o entendimento de que as novas tecnologias e o espaço cibernético possam ser positivos ao movimento. O sistema social vigente ainda pertence majoritariamente aos homens – brancos, de classe alta, heterossexuais –, são eles que ditam as regras e constroem o discurso hegemônico.

Lafontaine (2007), ao criticar a adesão da esquerda norte-americana ao pensamento cibernético, chama a atenção para a sua origem de matriz militar, masculina e conservadora. “Independentemente da sua genealogia epistemológica, a cibernética é, primeiro que tudo, um produto da Segunda Guerra” (LAFONTAINE, 2007, p. 32), e o soldado um esboço de ciborgue – meio homem (já que apenas recentemente as mulheres tiveram acesso a cargos militares), meio arma de combate. Tal lembrança também é feita por Haraway, mas ela chama os ciborgues de filhos ilegítimos e infiéis (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009).

Lafontaine (2007) demonstra seus desgosto pela teoria de Haraway. Embora tenha razão ao duvidar do potencial de libertação que teria o ciborgue, exagera ao criticar também a construção sócio-histórica por trás das diferentes identidades a qual Haraway defende de forma bastante enfática. Na verdade, entender a historicidade por trás das identidades como algo menos importante, como Lafontaine (2007, p. 192) insinua, e dizer que os sexos são “a única verdadeira diferença” parece muito mais preocupante do que o radicalismo de Haraway ao querer se livrar dos corpos. Se os sexos são a única verdadeira diferença, então por que a maioria das ficções apresenta androides com características femininas ou masculinas? Isso é gênero!

Cabe ainda retomar o que Virilio (1996) diz sobre a ligação entre a guerra e o complexo informacional.

Nascido das guerras civis ou internacionais e da logística dos exércitos, o complexo informacional moderno conserva discretamente seus atributos mortíferos. “Existe uma relação estreita entre a invenção simultânea da pólvora para canhões e da tinta para impressão?”, perguntava ainda Karl Kraus. Pode-se acrescentar que esta relação existe entre a metralhadora e a câmera, a nitrocelulose e a película, o radar e o vídeo... mas também entre a *trucagem da ilustração* das notícias gráficas, fotográfica e depois

cinematográfica e televisiva e a velha *camuflagem* militar incumbida de esconder armamentos, comboios, movimentos de tropas, com o intuito de deixar o adversário perplexo, sem saber mais *onde a realidade começa e acaba* (VIRILIO, 1996, p. 52-53, grifo do autor).

Como se apropriar/fazer parte de uma ciência, de uma tecnologia, de uma cibernética, sem que o resultado não seja apenas um reflexo de tudo aquilo que já foi convencionalizado? Qual a chance que as mulheres têm de se reinventar, sem que essa reinvenção reflita ainda os velhos paradigmas? Como fazer das tecnologias da informação e dos meios de comunicação ferramentas favoráveis?

Transgredir, é preciso

Podemos nos inspirar em algumas ideias da poeta, escritora e militante feminista negra, que decidiu mudar a grafia do próprio nome na época em que aprendia a escrever, Audre Lorde.

Não gostei da cauda do Y pendurada abaixo da linha em Audrey, e sempre me esquecia de colocá-la, o que costumava perturbar minha mãe. Eu adorava a uniformidade de AUDRELORDE aos quatro anos de idade, mas lembrei de colocar o Y porque agradou a minha mãe e porque, como sempre insistiu para mim, era assim que era porque era assim que tinha ser. Nenhum desvio foi permitido de suas interpretações do correto (LORDE, 1993, p. 24, tradução nossa³).

Em uma conferência de 1979, Lorde denunciou a tendência à universalização da categoria mulheres e falou sobre a necessidade de participação e inclusão de toda a diversidade compreendida por esse termo nas discussões e propostas feministas, assim como em todas as questões acadêmicas e políticas. As diferenças devem ser vistas como necessárias às transformações, pois são importantes até mesmo ao desenvolvimento do pensamento. Essa diferença deve ser transformada em coragem, o que lhes dará força para construir suas próprias ferramentas para estabelecer realmente uma sociedade mais inclusiva, onde ainda haja um 'nós'

³ I did not like the tail of the Y hanging down below the line in Audrey, and would always forget to put it on, which used to disturb my mother greatly. I used to love the evenness of AUDRELORDE at four years of age, but I remembered to put on the Y because it pleased my mother, and because, as she always insisted to me, that was the way it had to be because that was the way it was. No deviation was allowed from her interpretations of correct.

(HAN, 2014; LORDE, 1993). “Pois as ferramentas do mestre nunca irão demolir a casa do mestre” (LORDE, 1993, p. 99, tradução nossa⁴).

De forma semelhante, Fraser (2015) também critica a tendência que alguns feminismos têm de aderir à lógica neoliberal, que acaba por reforçar desigualdades estruturais que estão na essência da luta feminista. Ao ingressar no mercado de trabalho e assumir cargos de alta hierarquia, por exemplo, as executivas acabam relegando cuidados domésticos e da família a outras mulheres. Estabelece-se, assim, uma falsa noção de inclusão, ainda mais quando dados estatísticos não especificam pontos fundamentais como raça, idade, classe social etc. Para ela, uma inclusão verdadeira passa por um caminho árduo e incômodo de lutas para quebrar hierarquias tradicionais e para acabar com os novos modos de subordinação impostos pelo mercado (FRASER, 2015). “Os homens são parte e juiz; as mulheres também. Onde encontrar um anjo?” (BEAUVOIR, 2009, p. 28).

DO LIBERAL AO NEOLIBERAL: A SERVIÇO DO MERCADO

Ingressar na lógica que está dada parece mais fácil do que questionar. O questionamento exige reflexão, tempo de amadurecimento e confronto de ideias. Não é exagero o que fala Virilio (1996, 2000) sobre a existência de uma poluição dromosférica. A corrida a qual o ser humano se submeteu afeta também a sua relação espaço-tempo, degradando as relações com o meio ambiente. Isso se deve ao fim do distanciamento. Já não se sabe mais o que está perto ou longe, pois o trajeto está se perdendo, imperando a lei do menor esforço. Substitui-se o espaço real e a presença real pelo tempo real e corpo virtual (VIRILIO, 2000).

Lafontaine (2007) culpa a descorporificação cibernética, a qual chama de androgenia informacional, pelo distanciamento das diferenças biológicas. E vai além ao dar a entender que o poder de criação da máquina, análogo ao do nascimento, e a existência de uma outra alteridade, que não a mulher, poderia levar às mulheres a uma exclusão maior. Porém, ainda que a cibernética não pareça ser a salvação, tudo isso está inserido no contexto neoliberal, e a tendência de deixar de lado o corpo vem de antes: do liberalismo (HAYLES, 1999). “Somente porque o corpo não

⁴ For the master's tools will never dismantle the master's house.

está identificado com o eu é possível reivindicar ao sujeito liberal sua notável universalidade, uma reivindicação que depende de apagar marcadores de diferenças corporais, incluindo sexo, raça e etnia” (HAYLES, 1999, p. 4, tradução nossa⁵). A cibernética seria, assim, apenas a evolução de um projeto em andamento. Qual será o próximo passo?

Dessa forma, as ideias de Hayles (1999) vão ao encontro do pensamento de Han (2015) e de Virilio (2000). O neoliberalismo explora a própria alma a fim de eliminar limitações do corpo, e a velocidade seria a libertação do próprio corpo, onde não há mais presença concreta. E isso não é necessariamente bom para a humanidade.

A universalidade da lógica neoliberal e a globalização não se traduzem em um modelo econômico mais inclusivo, com mais diversidade humana. Ela iguala as pessoas no sentido de incluir na lógica do capital, de tentar mostrar que o sucesso depende do esforço de cada indivíduo; prega a meritocracia (SODRÉ, 2014). O universalismo da lógica neoliberal se atém apenas ao consumo.

Ciência e comunicação: com o pé no acelerador econômico

Meditich (1992) retoma algumas ideias de Adelmo Genro Filho sobre o vínculo originário do jornalismo com a Revolução Burguesa e sua expansão a partir da industrialização e da necessidade de eliminar fronteiras. Já Sodré (2014, p. 56) reforça a ligação entre o capitalismo financeiro e a comunicação. Para ele, “o par comunicação/informação contribui, portanto, para “naturalizar” o mercado financeiro como base da aceleração do desenvolvimento econômico e como fonte da ideologia capitalista do bem estar humano”. Antes deles, Medina (1988) já afirmava que a informação jornalística é decorrente do sistema econômico que se baseia, produto típico de sociedades industrializadas.

A informação é cada vez mais precíval, o tempo real acelera os acontecimentos. A informação pode perder o valor em questão de segundos, no entanto, é imprescindível ao funcionamento do mercado. O/A profissional de

⁵ Only because the body is not identified with the self is it possible to claim for the liberal subject its notorious universality, a claim that depends on erasing markers of bodily difference, including sex, race, and ethnicity.

jornalismo, da mesma forma que seu público, submerge em uma sucessão de acontecimentos “que estão sempre à frente da possibilidade de que sejam interpretados” (SODRÉ, 2014, p. 76).

Enquanto campo de conhecimento, os estudos de comunicação até hoje não possuem uma unidade, mas sempre estiveram associados às pesquisas de mercado – talvez justificando a tendência de muitas universidades darem mais enfoque a técnicas. As instituições de ensino adeririam aos valores de mercado, formam para o mercado. A pesquisa acaba valendo mais por sua produtividade do que por sua contribuição ao conhecimento (SODRÉ, 2014).

Sodré (2014) lembra que a criação dos cursos de jornalismo especificamente está relacionada a uma preocupação elitista diante da difusão de publicações consideradas popularescas, uma forma de controle. Para ele, “o espírito que preside à comunicação acadêmica é, na maior parte dos casos, semelhante ao funcionamento comunicacional, ou seja, conservador, de fundo neoliberal” (SODRÉ, 2014, p. 101).

Assim, em meio a um campo enfraquecido enquanto unidade devido à sua ligação com outras disciplinas, a falta de consenso entre teóricos/as e devido ao seu forte vínculo com as Tecnologias da Informação e Comunicação, que se reinventam a cada dia (o que, para Sodré (2014) teria a ver com reinterpretações do comum), e com o sistema econômico-financeiro, as pesquisas em comunicação tentam ainda se consolidar. “Uma episteme comunicacional limitada a esse escopo [...] é insuficiente para a construção de uma ciência da comunicação por deixar de lado o problema central da coesão social, localizada na esfera do comum” (SODRÉ, 2014, p. 258).

Feminismos e ciências: na onda neoliberal

Os feminismos se fortaleceram a partir da adoção da ideia de gênero. O corpo ou o sexo por si só não justificam a posição do feminino como o outro e, por isso, foi necessária a criação de um novo conceito. Inicialmente limitado ao binário feminino/masculino, a categoria gênero tem se ampliado. E há ainda quem negue

qualquer tipo de categorização, inclusive que entenda a própria noção de sexo binário como algo construído, tal como Fausto-Sterling (2001).

De qualquer modo, é inegável que os estudos feministas ganharam profundidade e visibilidade a partir da perspectiva de gênero. Nesse sentido, as feministas acabaram se apropriando de noções de mundo já naturalizadas para criar uma nova teoria que ainda reflete os preceitos anteriores, por isso com maiores chances de ser entendida e aceita, seguindo pressupostos de Foucault (1999), mas que se mostra mais aberta e inclusiva, apesar de parecer incompleta.

Na mesma linha, por estarem inseridas no sistema neoliberal, era difícil que as feministas não aderissem pelo menos em parte a ele. Fraser (2015) está correta ao afirmar que isso acaba gerando uma inclusão parcial e frágil. As mulheres ingressaram no mercado de trabalho formal às custas de quem? Quais mulheres ingressaram? Em que posições? As mulheres continuam sendo desvalorizadas tanto no mercado de trabalho formal quanto no informal. O discurso de que as mulheres têm conquistas a comemorar, mas que ainda falta muito para uma maior equidade se repete ano após ano. Chegamos a um limite? É mesmo necessário, na linha de Lorde (1994), criar novas ferramentas para destruir esse mundo de significados e construir um novo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cibernética foi idealizada por homens em um contexto de guerra – a maioria das tecnologias de comunicação também. Assim, ela não parece ser a salvação para as mulheres como as ciberfeministas esperavam. A cibernética não precisa de corpo, não precisa de gênero. A cibernética descorporifica em termos de presença real, mas o imaginário dividido em gêneros binários continua existindo. O ciborgue representado na ficção geralmente possui gênero feminino ou masculino. Difícil não lembrar do filme Her, em que um homem se envolve amorosamente com um Sistema Operacional escolhido para ter o gênero feminino. Chegará o dia em que, como no filme, nos surpreenderemos com a capacidade de autonomia da máquina?

Não gosto da ideia determinista de acreditar que a cibernética, por sua origem, não pode promover a emancipação das mulheres. Na verdade, concordo que elas devem sim participar desse espaço ainda em construção e evolução, assim como vão ter que se inserir de alguma forma na lógica neoliberal enquanto esse sistema econômico vigorar, até mesmo para que consigam exercer alguma pressão e para que sejam ouvidas. A mudança social é um processo e, para que ela ocorra, devemos pressionar em todas as frentes: lutar por salários iguais, por iguais oportunidades, por divisão de tarefas domésticas, por respeito do corpo, pela não violência, pelo acesso à educação, pela valorização do trabalho doméstico, pela inserção de pessoas negras em todas as áreas, pelo respeito e inclusão de pessoas transexuais, por uma linguagem mais inclusiva, por uma comunicação que não caia em estereótipos... A lista é longa! A comunicação e a pesquisa são fundamentais. O foco exclusivo na relação capital/tecnologia/comunicação está dificultando a própria consolidação de uma ciência da comunicação, como diz Sodre (2014). Entretanto, ainda que as pesquisas sejam questionadoras da lógica neoliberal em que se inserem, e que as escolas de comunicação cumpram o papel de formadoras de profissionais críticas e críticos a essa estrutura, isso não é o suficiente se não houver alteração da própria lógica neoliberal. Só assim será possível contestar Lorde, e construir mudanças com as ferramentas de que já dispomos, tornando o ciberfeminismo de fato possível.

REFERÊNCIAS

BEUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FRASER, Nancy. **Fortunas del feminismo**: del capitalismo gestionado por el estado a la crisis neoliberal. Madrid y Quito: Traficantes de Sueños/IAEN, 2015. Disponível em:

<<https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Fortunas%20del%20feminismo%20-%20Traficantes%20de%20Sue%C3%B1os.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. Lisboa: Relógio D'Água, 2014a.

_____. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água, 2014b.

_____. **Psicopolítica**: neoliberalismo e novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **A antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HAYLES, N. Katherine. **How we became post-human**: virtual bodys in cybernetics, literature, and informatics. Chicago and London: The University of Chicago, 1999.

LAFONTAINE, Celine. **O império cibernético**: das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LORDE, Audre. **Zami, Sister Outsider, Undersong**. New York: Quality Papel Back Book Club, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.